

Sylvia Day

INCONTROLÁVEL

Tradução
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência**

Capítulo 1

Quatro anos depois

— **O** senhor marquês está em casa, milady. Para muitas mulheres, a afirmação seria parte do cotidiano e nada de especial, mas para Isabel, Lady Grayson, era tão raramente ouvida que não se lembrava da última vez que o mordomo a avisara da presença do marido.

Parou no *hall* e descalçou as luvas antes de entregá-las ao mordomo. Demorou algum tempo para se recompor da surpresa e certificar-se de que o bater acelerado do coração não se tornava visível.

Grayson voltara!

Isabel não conseguiu deixar de se interrogar em relação ao porquê. Nunca respondera às cartas que ela enviara e também nunca lhe escrevera ao longo daqueles anos. Sabia que a carta da mãe o ferira profundamente no dia em que a abandonara e à cidade de Londres. Podia imaginar o sofrimento de Grayson após ter assistido à sua excitação inicial e ao orgulho de ir ser pai. Como amiga, gostaria de ter proporcionado a Gray mais do que uma hora de conforto, mas, ao virar-lhe as costas, Gray não lhe dera essa oportunidade. E o tempo havia passado.

Alisou as saias de musselina e passou a mão pelo cabelo perfeitamente arranjado. Ao perceber que estava preocupada

com a aparência, Isabel parou com uma imprecisão. Era apenas Gray. E nem repararia nela!

– No escritório?

– Sim, milady.

O *cenário* daquele dia.

Isabel assentiu e endireitou os ombros, dominando os nervos. Passou pela escada em caracol e entrou na primeira porta aberta à direita. Apesar da sua preparação física e mental, a visão do marido atingiu-a como um soco no estômago. De costas, parado junto à janela, parecia mais alto e definitivamente mais forte e musculoso. O torso finalizava numa cintura estreita, num traseiro de curvas perfeitas, e pernas longas e elegantes. Emoldurado pelas cortinas de veludo verde, a simetria impecável do corpo tirou-lhe o fôlego.

Contudo, pela postura dele, Isabel sentiu uma atmosfera sombria e opressiva envolvendo-o e soube que Gray deixara de ser aquele jovem espontâneo e irresponsável que conhecera. Respirou fundo antes de abrir a boca e falar.

Como que pressentindo a sua presença, Gray virou-se. Isabel sentiu um nó na garganta.

Ele não era de forma alguma o homem com quem se casara.

Fitaram-se, emudecidos e imóveis por um longo momento. Apenas se tinham passado uns anos e parecia que decorrera uma eternidade. Grayson já não era de forma alguma um jovem. O tempo deixara as suas marcas nas linhas em redor da boca e dos olhos. Não eram linhas de felicidade, segundo podia ver, mas linhas vincadas, linhas de dor. Os olhos azuis, claros e brilhantes, que haviam levado tantas mulheres a apaixonarem-se por ele tinham agora uma coloração mais escura e sombria. Já não sorriam e pareciam ter visto muito mais do que o possível para o curto espaço de quatro anos.

Isabel levou a mão ao corpete do vestido, tentando esconder a respiração ofegante.

Gray tinha sido um homem bonito. Agora, não havia palavras para descrevê-lo. Esforçou-se para respirar normalmente, sufocando uma repentina ameaça de pânico. Soubera lidar com o jovem, mas aquele... *aquela* homem não era domável. Se o tivesse conhecido assim, certamente teria ficado bem longe dele.

– Como estás, Isabel?

Até mesmo a voz mudara. Era mais grave. Levemente ríspida. Ela não sabia o que lhe dizer.

– Não mudaste nada – murmurou ele, aproximando-se. A antiga petulância desaparecera, cedendo a um tipo de confiança que se ganha após sobreviver ao inferno.

Respirando fundo, Isabel inalou o familiar perfume dele. Um pouco mais forte, talvez, mas o cheiro era mesmo de Gray. Observando-lhe o rosto impassível, não conseguiu fazer mais nada além de encolher os ombros.

– Eu deveria ter escrito – disse ele.

– Sim, deverias – concordou Isabel. – Não só para me avisares da tua visita, mas antes, só para dizer que estava tudo bem. Estava muito preocupada, Gray.

Ele indicou uma cadeira e esperou que ela se sentasse. Quando o marido se instalou na sua frente, Isabel reparou que, embora vestisse casaco e colete, as roupas eram de tecido simples. O que quer que tivesse feito naqueles quatro anos, aparentemente o trabalho não exigia vestimentas da última moda.

– Sinto muito pela tua preocupação. – Um canto da boca curvou-se numa sombra do que fora o seu antigo sorriso radiante. – Porém, não podia dizer-te que estava bem quando não estava. Era-me impossível olhar para cartas, Pel. Não porque fossem tuas. Durante anos, evitei toda e qualquer correspondência. Mas agora... – Fez uma pausa e contraiu os maxilares num gesto determinado. – Não vim fazer uma visita.

– Não? – retorquiu Isabel, sentindo um frio no estômago. A camaradagem entre os dois tinha-se evaporado. Em vez do

conforto e espontaneidade que partilhara com ele, havia um forte nervosismo.

– Voltei para ficar, para morar aqui. Se é que ainda me lembro de como é viver na civilização.

– Gray...

Ele meneou a cabeça e os cabelos demasiado compridos balançaram levemente na nuca.

– Piedade não, Isabel. Não mereço. Além do mais, não a quero.

– O que *queres*, então?

Gray fitou-a.

– Muitas coisas, mas, principalmente, quero companhia. E quero ser digno dela.

– Digno? – retorquiu ela, franzindo o sobrolho.

– Fui um péssimo amigo. Egoísta, como a maioria das pessoas.

Isabel baixou os olhos para as mãos e girou a aliança de ouro, um símbolo do seu compromisso de toda uma vida com um verdadeiro estranho.

– Onde estiveste, Gray?

– Criando gado.

Portanto, ele não tencionava contar-lhe.

– Muito bem, então. O que queres de mim? – Ergueu o queixo. – Em que posso ajudar-te?

– Primeiro, preciso tornar-me apresentável. – Gray percorreu a mão ao longo do corpo. – Depois, terei de ficar ao corrente das últimas coscuvilhices. Tenho lido os jornais, mas ambos sabemos que os boatos raramente correspondem à verdade. E, mais importante, requisitarei a tua companhia.

– Não sei bem até que ponto poderás contar com... a minha companhia – disse ela com sinceridade.

– Sei disso. – Levantando-se, aproximou-se dela. – Os boatos não têm sido muito gentis a teu respeito, não é? Por esse motivo voltei. Como posso ser responsável se não cuido

da minha própria mulher? – Agachou-se diante dela. – Sei que não é justo pedir-te tanto, Pel. Isso não fazia parte do nosso acordo. Mas as coisas mudaram.

– *Tu* mudaste.

– Céus, espero que seja verdade!

Gray pegou nas mãos de Isabel, fazendo com que ela sentisse a calosidade dos dedos. Baixou os olhos e notou a pele queimada do sol e avermelhada pelo trabalho. Perto das suas mãos pequenas e alvas, o contraste era como o dia e a noite.

Ele apertou-lhe levemente os dedos. Isabel ergueu o rosto e surpreendeu-se de novo com as marcas no rosto do marido.

– Não vou pressionar-te, Pel. Se desejares viver a tua vida como até agora, respeitarei a tua vontade. – Um ténue resquício do antigo sorriso brilhou novamente. – Devo-te muito, é verdade, mas estou disposto a insistir na tua companhia.

Foi aquele lampejo do velho Gray que a tocou profundamente. Sim, a fachada mudara, talvez mais do que o interior, mas ainda havia um pouco do antigo charme que ela conhecia. De momento, era suficiente.

Isabel sorriu de volta e o alívio de Gray foi visível.

– Vou cancelar os meus compromissos desta noite para podermos montar uma estratégia.

Grayson abanou a cabeça.

– Por favor, não faças isso. Preciso reunir as minhas coisas e acostumar-me à ideia de estar outra vez em casa. Diverte-te esta noite. Em breve estarás demasiado ocupada comigo.

– Então, aceitas um chá daqui a uma hora? – Talvez assim conseguisse induzi-lo a falar sobre a sua ausência.

– Adoraria.

Ela levantou-se e ele imitou-a.

Céus, como ele era alto! Sempre o fora? Já não se lembrava. Abafando a surpresa, Isabel virou-se para a porta. Gray

continuava a agarrar-lhe na mão, que soltou com um atrapalhado encolher de ombros.

– Vemo-nos daqui a uma hora, Pel.

Gerard esperou até Isabel sair da sala e afundou-se no sofá. Soltou um gemido. Desde que partira, a insónia era um tormento recorrente. Precisava de exaustão física para conseguir dormir e por isso trabalhava nas plantações das suas inúmeras propriedades e acostumara-se a dores musculares. O corpo nunca lhe doera tanto como naquele momento. Não se tinha apercebido do seu estado de tensão até ficar sozinho e a sedutora fragrância floral da sua mulher se ter dissipado no ar.

Isabel sempre fora tão bonita? Não se lembrava. Certamente usara a palavra «bonita» para descrevê-la nos seus pensamentos, mas a realidade situava-se para lá de uma simples expressão oral. Os cabelos tinham mais fogo, os olhos mais brilho, a pele mais luminosidade do que se recordava.

Naqueles quatro anos, ele dissera «minha mulher» centenas de vezes ao pagar as contas e ao lidar com outras questões relacionadas com ela. Contudo, até àquele momento, nunca ligara a condição de esposa ao rosto e ao corpo de Isabel Grayson.

Gerard passou a mão pelo cabelo, interrogando-se sobre a sua sanidade mental ao propor-lhe o acordo de casamento. Quando Pel entrara no escritório, tudo o mais desaparecera. Como não notara antes tanto carisma? Não tinha mentido ao dizer que ela não mudara. Mas, pela primeira vez, *vira-a* realmente. E, na verdade, só nos últimos dois anos começara a ver tantas outras coisas que nunca enxergara antes.

Como aquele escritório.

Olhou em volta e sorriu. Verde-escuro forrado a painéis de nogueira escura. O que diabo lhe passara pela cabeça? Ninguém poderia fazer devidamente a sua contabilidade num lugar escuro como aquele! E ler estava totalmente fora de questão.

Quem tinha tempo para ler quando havia festas para se divertir e mulheres para se satisfazer?

As palavras da sua juventude voltaram-lhe à mente como um agulhão.

Levantando-se, dirigiu-se às estantes e retirou alguns volumes ao acaso. Nenhum deles tinha sequer sido aberto.

Que espécie de homem era ele que, rodeado por tanta beleza e vida, jamais dedicara um momento a apreciá-las?

Desgostoso, sentou-se à secretária e iniciou uma lista de coisas que desejava mudar. Não demorou muito para que a lista enchesse várias folhas de papel.

– Milorde?

Ergueu os olhos e avistou o mordomo na ombreira da porta.

– Sim?

– Milady deseja saber se o senhor desistiu do chá.

Gerard olhou surpreso para o relógio e em seguida afastou a cadeira da secretária e levantou-se.

– Na sala de jantar ou na de visitas?

– Nos aposentos de milady, *sir*.

Ficou novamente tenso. Como pudera esquecer-se disso também? Sempre apreciara sentar-se naquele recanto tão feminino e observá-la a preparar-se diante do toucador para os compromissos sociais.

Enquanto subia a escada, lembrou-se dos momentos que tinham passado ali e admitiu a frivolidade das suas conversas, na época. Contudo, sabia que gostava de Isabel e ela sempre se mostrara boa ouvinte.

Agora precisava de uma amiga, já que não tinha nenhuma. Decidiu que faria de tudo para reacender a amizade e a camaradagem que um dia partilhara com a mulher. Com essa expectativa, ergueu a mão e bateu ao de leve na porta.

* * *

Isabel respirou fundo antes de dar permissão a Gray para entrar. Ele abriu a porta, mas ficou parado na ombreira, hesitante. Mais uma surpresa, pois Lorde Grayson nunca esperava. Passava à ação mal lhe ocorria um pensamento e era assim que se metia frequentemente em sarilhos.

Fitou-a por um longo momento. O suficiente para fazê-la arrepender-se da decisão de o receber de roupão. Após ter refletido durante mais de meia hora, decidira agir como antes. Quanto mais depressa voltassem à antiga rotina, mais confortável seria para ambos.

– Provavelmente, a água já deve ter esfriado – murmurou ela, trocando a cadeira do toucador pela *chaise-longue*. – Mas sempre fui a única a tomar chá.

– Eu preferia conhaque.

Gray fechou a porta, ofertando-lhe um breve momento para que saboreasse o som da sua voz. Isabel ficou surpreendida por notar nesse momento a leve rouquidão na voz, o que lhe falhara antes.

– Serve-te – convidou, apontando para a bandeja de prata onde estavam dispostos um serviço de porcelana, uma garrafa de conhaque e copos.

Gray esboçou um leve sorriso.

– Sempre a pensares em mim. Obrigado. – Olhou em volta. – Está tudo exatamente como me lembrava. Com as paredes e o teto revestidos de cetim branco, sempre tive a impressão de estar numa tenda.

– É o efeito que eu pretendia – retorquiu Isabel, descontraindo-se e enroscando as pernas.

– Ah, sim?

Sentou-se na frente dela, colocando os braços nas costas do sofá. Isabel não conseguiu afastar a lembrança de como ele costumava rodear-lhe os ombros daquela maneira. Nessa altura, não prestara atenção. Essa versão de Grayson era meramente exuberante.

Também não era tão robusto, então.

– Porquê uma tenda, Pel?

– Nem imaginas como esperei que me fizesses essa pergunta – confessou Isabel, rindo.

– Porque não perguntei antes?

– Nós não falávamos sobre essas coisas.

– Não? – No olhar dele também parecia existir o riso.

– Sobre o que falávamos?

Ela ia servir-lhe um conhaque, mas ele abanou a cabeça.

– Sobre ti, Gray.

– Sobre *mim*? – inquiriu, erguendo as sobrancelhas.

– Decerto não o tempo todo.

– Quase o tempo todo.

– E quando não falávamos de mim?

– Bem, falávamos das tuas enamoradas.

Gray forçou um sorriso e Isabel riu, lembrando-se de como se divertia numa simples conversa com ele. Depois, notou como ele a fitava, como se não tivesse nada a apontar-lhe. Deixou de rir.

– Eu era insuportável, Isabel. Como me toleravas?

– Gostava de ti – respondeu com sinceridade. – Nunca houve mal-entendidos, pois dizias sempre o que pensavas.

Ele olhou por cima do seu ombro.

– O retrato de Pelham continua pendurado na parede – comentou, voltando a fitá-la. – Amaste-o assim tanto?

Isabel virou o pescoço para olhar a pintura atrás dela. Tentara, tentara mesmo desenterrar qualquer vestígio do amor que outrora sentira por ele, mas o seu ressentimento era demasiado profundo. Não tinha conseguido.

– Amei. Hoje já não consigo recordar o que senti por ele, mas, numa época muito distante, amei-o desesperadamente.

– Por isso evitas compromissos sérios, Pel?

Ela voltou-se e encarou-o com os lábios premidos.

– Nunca discutimos assuntos pessoais.

Gray retirou o braço das costas do sofá, inclinou-se para diante e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Será que podemos ser melhores amigos hoje do que fomos antes?

– Não sei se ia ser prudente – murmurou ela, voltando a fitar a aliança de casamento.

– Porquê?

Isabel levantou-se e dirigiu-se à janela. Precisava de se distanciar da nova intensidade de Gray.

– Porque não? – disse ele, seguindo-a. – Tens outros amigos íntimos com quem trocas confidências?

Gray pousou as mãos nos ombros dela e, imediatamente, Isabel sentiu que o toque lhe aquecia a pele e o seu perfume lhe invadia as narinas. Quando ele voltou a falar, a voz soou bem junto ao seu ouvido.

– É demasiado pedir que incluas o teu marido na lista dos amigos íntimos?

– Gray... – As batidas aceleradas do coração quase lhe sufocaram a voz. Os dedos inquietos alisavam o cetim da cortina da janela. – Não tenho amigos como os que descreves. E pronunciaste a palavra «marido» com uma importância que nunca lhe atribuímos.

– Então que tal teu amante? – pressionou ele. – Ele conhece os teus pensamentos?

Isabel tentou desenhencilhar-se, mas Gray agarrou-a com firmeza.

– Porquê uma tenda, Pel? Podes, pelo menos, explicar-me isso?

Ela estremeceu com a respiração dele na sua nuca.

– Gosto de imaginar que faz parte de uma caravana.

– Uma fantasia? – As mãos de Gray acariciaram-lhe os braços. – Há um *sheik* nessa fantasia? Ele raptou-te?

– Ora, Gray! – protestou Isabel, alarmada com as suas reações às carícias sensuais. Era impossível ignorar o corpo

musculoso que a prendia. – O que queres? – Tinha a boca seca. – Decidiste subitamente mudar as regras?

– E se assim for?

– Bem, teríamos de nos separar e destruiríamos a nossa amizade. Não somos o tipo de pessoas que se apaixonam para sempre.

– Como sabes que tipo de homem sou eu?

– Sei que tinhas uma amante enquanto juravas amar outra mulher.

Isabel fechou os olhos ao sentir os lábios mornos e entreabertos roçando-lhe o pescoço.

– Disseste que mudei, Isabel.

– Nenhum homem muda assim *tanto*. Além disso, eu... eu tenho alguém.

Gray virou-a de frente. As mãos dele segurando-lhe os pulsos eram quentes e o olhar ardente. Ela conhecia aquele olhar. Era o olhar com que Pelham a conquistara, o olhar que ela não admitia nos seus amantes. Paixão, desejo... eram sempre bem-vindos. Mas apetite carnal era algo para se evitar a qualquer custo.

O olhar faminto varreu-a da cabeça aos pés, uma e outra vez. Os seus mamilos enrijeceram e tornaram-se visíveis sob o vestido. A avaliação deteve-se nesse ponto e um som estranho escapou da garganta de Gray, ao mesmo tempo que os lábios se entreabriam, ofegantes.

– Isabel. – Ele tocou ao de leve no seio dela e, com o polegar, circulou o mamilo enrijecido. – Não podes dar-me uma oportunidade para provar que sou digno de ti?

Ela escutou o seu gemido ofegante, sentindo as pulsações aceleradas. Os lábios de Gray baixaram ao encontro dos dela e ela inclinou a cabeça para trás, esperando.

E ansiando.

O ténue ranger da porta quebrou o encanto. Isabel afastou-se rapidamente. Tapou a boca com a mão para esconder os lábios trémulos.

– Milady? – A voz da criada de quarto chegou do corredor.
– Devo voltar mais tarde?

Gray aguardou ofegante, com as faces coradas. Isabel não tinha dúvidas de que, se dispensasse a criada, estaria rapidamente na cama, nos braços do marido.

– Entra – respondeu à criada, tentando esconder a nota de pânico na sua voz.

Com os diabos! Aquele novo marido fizera com que o desejasse, com tal necessidade que chegava a doer, uma necessidade para a qual se considerava demasiado velha e prudente para senti-la novamente.

Era o pior pesadelo que poderia acontecer na sua vida.

Gray fechou os olhos por um momento, recompondo-se, enquanto a criada varria e se dirigia ao roupeiro.

– Vamos às compras amanhã, Pel? – perguntou num tom espantosamente calmo. – Preciso de roupas novas.

Tudo o que Isabel conseguiu foi confirmar com um aceno de cabeça.

Com uma elegante reverência, Gray saiu, mas a sua presença conservou-se bem definida na mente de Isabel, por muito tempo ainda.

Gray atravessou o corredor em direção aos seus aposentos. De repente, parou e apoiou-se na parede forrada de damasco vermelho. Fechou os olhos e praguejou. O seu plano para reatar o relacionamento com a mulher fracassara no momento em que tinha aberto a porta.

Devia ter-se preparado melhor, deveria ter imaginado as reações do corpo ao deparar-se com Pel, usando um vestido de cetim preto, um ombro destapado, deitada numa *chaise-longue*. Mas como poderia saber? Nunca se sentira assim antes! Pelo menos, não que se lembrasse. Quantas vezes tinham conversado naquele quarto de vestir? Contudo, naquela época, estava

tão apaixonado por Emily. Talvez fosse esse amor por ela que o imunizara contra os abundantes encantos da sua mulher.

Bateu levemente com a cabeça na parede, esperando começar a pensar com clareza e bom senso. Cobiçar a própria mulher! Gemeu. Para muitos homens, até seria muito conveniente. Não para ele. Isabel assustara-se com o seu interesse.

Assustada, mas não desinteressada, sussurrou uma voz na sua mente.

As suas capacidades como sedutor estavam um pouco enferrujadas, mas não completamente esquecidas. Ainda se lembrava dos sinais de um corpo feminino excitado.

Isabel podia estar certa ao afirmar que eles não eram o tipo de pessoas que se apaixonam para sempre. Só Deus conhecia as suas deceções anteriores. Mas não precisariam de viver um grande romance de amor. Talvez pudessem viver simplesmente um namoro, de duração indefinida. Um casamento de amizade e uma cama partilhada. Possuíam os alicerces. Ele gostava do som do riso dela – aquele ronronar gutural que aquecia um homem por dentro. E do sorriso com uma ponta de malícia. A atração sexual era uma consequência. Além do mais, eram casados. Isso dava-lhe, sem dúvida, uma certa vantagem.

Gerard afastou-se da parede e entrou nos seus aposentos. Faria compras no dia seguinte e contrataria um laçao. Seguir-se-ia, aos poucos, a reintegração na sociedade e o empenho em seduzir a mulher.

Havia obviamente o amante dela.

Sorriu. Aquela seria a parte mais difícil. Isabel não nutria amor pelos amantes, mas preocupava-se com eles e era sempre muito leal. Conquistá-la exigiria tempo e paciência, coisas que ele não estava acostumado a investir para ter uma mulher.

Mas não era uma mulher comum. Tratava-se de Pel e, por mais tempo e paciência que lhe fossem exigidos, valeria a pena esperar.

